



DESCOBRIR FESTAS E MANIFESTAÇÕES CULTURAIS - TRILHA METODOLÓGICA PARA ENTENDER PERTENCIMENTO E IDENTIDADES COM O BAIRRO

Maria Augusta Mundim Vargas¹
Daniele Luciano Santos²
Auceia Matos Dourado³
Felipe Santos Silva⁴
Rodrigo Santos de Lima⁵

RESUMO

Neste texto apresentamos algumas ferramentas metodológicas utilizadas no desenvolvimento de um projeto de iniciação científica vinculado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica Júnior (PIBICjr) com alunos do segundo ano do ensino médio do Colégio Estadual Leandro Maciel em Aracaju-Sergipe, posicionando a escola e o bairro Ponto Novo, onde residem, como *lócus* da pesquisa. Para tal, tomamos o pertencimento e as identidades como conceitos norteadores do pensar com a intenção de avaliar o envolvimento dos moradores com o lugar. Ancoramos na abordagem da Geografia pelo viés cultural tomando o lugar como categoria de análise das identidades forjadas pelo sentimento de pertencimento para com o bairro. As oficinas, mapas mentais, percursos etnogeográficos e entrevistas constituem os dispositivos metodológicos que vêm sendo adotados. Os estudantes demonstraram conhecimento do bairro, de moradores antigos e de seus geossímbolos, dentre eles, a escola e a festa da padroeira Nossa Senhora de Fátima. Decorre dessa pesquisa os aspectos didático-pedagógicos exitosos da iniciação científica bem como o reconhecimento das manifestações culturais e festas como constitutivos de suas identidades.

Palavras-chave: Manifestações culturais, Envolvimento comunitário, Bairro urbano, Metodologias de pesquisa.

INTRODUÇÃO

A proposta deste artigo é apresentar o projeto “Manifestações culturais e festas de bairro: pertencimento e identidades no bairro Ponto Novo em Aracaju-Sergipe”, desde o seu planejamento aos primeiros resultados que proporcionaram conclusões exitosas sobre diversos

¹ Professora doutora do PPGEO/Universidade Federal de Sergipe. Líder do Grupo de Pesquisa Sociedade e Cultura, guta98@hotmail.com.br;

² Doutoranda em Geografia do PPGEO/Universidade Federal de Sergipe. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Sociedade e Cultura, danilucisan@gmail.com;

³ Professora doutora da Universidade Federal de Alagoas/Campus Arapiraca, Unidade de Penedo. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Sociedade e Cultura, auceiam@hotmail.com;

⁴ Mestrando em geografia PPGEO/Universidade Federal de Sergipe. Pesquisador do Grupo de Sociedade e Cultura, felipegeoufal@hotmail.com;

⁵ Orientador. Doutor em Geografia. Coordenador do projeto pedagógico. Professor de Geografia SEDUC/SE. Pesquisador do Grupo de Pesquisa Sociedade e Cultura/PPGEO/Universidade Federal de Sergipe, rslrodrigo@gmail.com.



aspectos, sobretudo devido ao atropelo da pandemia instalada pela propagação do corona vírus - Covid 19, que fez suspender, dentre outros, contatos da equipe e as entrevistas presenciais.

Sua realização foi intencionada pela conjunção de interesses e possibilidades advindas da ampliação da carga horária do Colégio Estadual Leandro Maciel, da criação da disciplina eletiva “Minha Terra é Sergipe” e, da participação do professor responsável pela nova disciplina como pesquisador do Grupo de Pesquisa Sociedade e Cultura da Universidade Federal de Sergipe (S&C/UFS/CNPQ), que por seu intermédio, já atuava no Colégio com a realização de oficinas pedagógicas.

As oficinas realizadas permitiram a construção de mapas mentais sobre temas gerais como, por exemplo, expressões culturais como subsídios para exposições, discussões e reflexões sobre sergipanidade. E, após o lançamento do Edital para desenvolvimento de pesquisa, com bolsas de iniciação científica para estudantes do ensino médio, iniciou-se a elaboração da proposta do projeto. Sua aprovação junto a Fundação de Apoio à Pesquisa e à Inovação Tecnológica do Estado de Sergipe (FAPITEC/SE) ocorreu em janeiro de 2020, contemplando três estudantes do segundo ano do ensino médio⁶.

A proposta teve como objetivo didático a formação em iniciação científica de três jovens estudantes do ensino médio, com o desenvolvimento de uma pesquisa que visou analisar as festas e as manifestações culturais ocorrentes no bairro Ponto Novo, onde residem e está instalado o Colégio Estadual Leandro Maciel. Objetivou-se avaliar a importância das festas e das manifestações ocorrentes como expressões constitutivas da identidade e do pertencimento ao lugar. Especificamente, foi proposto identificar as festas e as manifestações culturais ocorrentes e produzidas no bairro Ponto Novo, assim como caracterizá-las pelo tempo de ocorrência, origem e evolução e, avaliar o envolvimento dos estudantes e dos moradores com suas festas e manifestações.

Pelo exposto, este artigo desenvolve-se em quatro partes além desta introdução. Inicialmente são apresentadas nossas reflexões sobre as identidades e o pertencimento para em seguida, expor os procedimentos metodológicos adotados. Os resultados e discussões, mesmo que parciais, trazem a percepção dos estudantes sobre o bairro e o colégio, bem como o reconhecimento das manifestações culturais referentes do bairro Ponto Novo. Sobre os resultados assinala-se que estão no aguardo da suspensão das barreiras causadas pela pandemia entrevistas e documentos a respeito da origem e evolução das manifestações levantadas. Na

⁶ Bolsas de PIBICjr disponibilizadas pelo Edital FAPITEC/SE/CNPq Nº 02/2019. Bolsistas contemplados: José Hernandez Reis Isidoro, 16 anos; Talita Silva Santos, 17 anos; e Isabelle Luiza Rodrigues da Silva, 16 anos.



última parte procuramos tecer considerações sobre os elos didático-pedagógicos com a iniciação científica: possibilidade de interação da academia com o espaço escolar, no qual há o contato inicial dos discentes com o conhecimento científico, espaço em que os mesmos iniciam a construção de conceitos que serão aprofundados ao entrarem no ensino superior, por meio da aplicação das teorias ao seu espaço de vivência.

PARA PENSAR LUGAR E SUAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS

As identidades e o pertencimento para com um lugar encerram construções sociais que se dão por relações de apropriação em várias instâncias, como por exemplo, políticas, materiais e simbólicas. Tal fato acontece quando os sujeitos criam valores atrelados aos sentimentos e a sua identidade cultural e simbólica transformando o seu local de vivência, como nos mostra Raffestin (1993) e Haesbaert (1999).

As identidades e o pertencimento podem ser apreendidos pelas oralidades e conceituações produzidas sobre os espaços de vivência. Os valores, os sentidos e os significados atribuídos ao espaço vivido concebem suas identidades, que são recriados ou reforçados a todo o momento (TUAN, 1980).

No contexto da identidade, as manifestações culturais e as festas contribuem na construção de um elo entre o sujeito e o espaço, fazendo com que ocorra relações de pertencimento. As festas e manifestações podem ser compreendidas como rituais simbólicos alimentados de sentimentos e significados e os locais como potenciais “geossímbolos” (BONNEMAISON, 2002), que podem se tornar verdadeiros patrimônios.

Para Dourado; Vargas; Santos (2015), o patrimônio é tudo que produzimos e que reconhecemos como importante ao ponto de querermos preservar e, nos limites da pesquisa busca-se o que se reconhece e se quer preservar no bairro Ponto Novo. Ora, herdamos modos de fazer – cantar, brincar, dançar, costurar, estudar, cozinhar, pintar, etc.; assim como herdamos construções que fazem parte da nossa história – casas, escolas, raças, templos, etc., que queremos preservar do mesmo modo que reconhecemos a importância das festas, dos folguedos, das quadrilhas, do artesanato, das danças, das comidas e até de nossa maneira “sergipana” de falar. O Patrimônio é, portanto, o que herdamos e o que produzimos. É tudo que reconhecemos como valioso. É tudo que remete à história e à identidade!

Assim, a identidade é construída ao longo do tempo, individual ou coletivamente, pelos relacionamentos das pessoas e dos grupos nas diferentes situações que vivenciam e, nesse



processo, as pessoas e os grupos se reconhecem diferentes uns dos outros, ou seja, reconhecem suas identidades. Quando alguém se apresenta para nós, fazemos uma identificação pelo nome, idade ou pela ocupação. Mas quando alguém se apresenta para nós discorrendo o quanto gosta de ter nascido em tal lugar, o quanto gosta de fazer a sua profissão, dentre outras qualidades, ela está falando e mostrando sua identidade. A identidade se constrói, então, pelas histórias de vida das pessoas e famílias, pela história de grupos, comunidades, estados, países; pelas coisas próprias que são produzidas em cada lugar, por exemplo, como se come, como se fala, como se festeja.

A identidade é permanentemente construída e vivida no dia a dia, reproduzindo ou renovando o saber fazer; afirmando a cultura e a história pela memória individual e coletiva daqueles que produzem e dão significado às suas vidas. É por essa razão que as referências culturais são diversas e de diferentes origens. E, quando as referências são partilhadas e reconhecidas por todos, certamente, são elementos da identidade. Mas, quando as referências apontam a valorização do lugar, tem-se a demonstração de sentimento de pertencimento e com esse sentimento, o reconhecimento da identidade com o seu lugar (DOURADO, VARGAS; SANTOS, 2015).

As festas e as manifestações se configuram em momentos de encontro e de confraternização; são permeados por danças, rimas, comidas típicas, enfim, por expressões que valorizam a memória e as tradições, valorizando assim, os sujeitos envolvidos. Nesse sentido, as festas podem ser tomadas como patrimônio vivo “que se faz e se refaz nem sempre harmoniosamente [...] sem querelas e conflitos, mas sempre referenciada [...] pela explosão de alegria, de fé, de força, de esperança, de prazer, de gozo, de zelo pelo sentimento de pertencimento advindo do saber fazer, saber ter e ser da festa” (VARGAS, 2013, p.21). Elas podem ainda, configurarem cadeias produtivas nas quais é possível analisar desde políticas públicas até o reconhecimento e a valorização das expressões culturais como constituintes da identidade e do pertencimento.

Se pesquisarmos nos dicionários, é consenso a definição de festa como uma reunião de pessoas com fins de divertimento. Para Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, **a festa** tem muitos significados, pois além de uma reunião alegre é também (i) o conjunto das cerimônias com que se celebra qualquer acontecimento; solenidade, comemoração; (ii) dia santificado, de descanso, de regozijo; (iii) comemoração litúrgica, solenidade da igreja; romaria; (iv) regozijo, alegria, júbilo. Por isso, “uma **festança** é um grande divertimento, uma festa muito animada, uma festa de arromba, um festão”! Para o autor, o **festar** é “[...] o fazer a festa, foliar, e o



festeiro é aquele que frequenta as festas ou aquele que faz ou dirige as festas, ou ainda, aquele que é eleito ou escolhido para patrocinar solenidades religiosas” (s/p).

Os sociólogos e antropólogos estudam as festas como um fenômeno humano observando a pluralidade de culturas e, os geógrafos, também estudam as festas como um fenômeno humano que se manifesta de forma diferente de acordo com as culturas, mas observam atentamente que elas produzem diferentes espaços, diferentes territórios e diferentes paisagens. É por essa razão que o nosso objeto de estudo são as festas e as manifestações que ocorrem no bairro Ponto Novo: o fenômeno e o lugar do fenômeno! E, assim, vamos perceber que determinada festa que acontece de modo geral em Aracaju e em Sergipe, uma festa geral, como os festejos juninos, tem suas singularidades no fazer e evoluir no bairro Ponto Novo.

Todas essas características são mais proeminentes quando se analisa o fenômeno – as festas e as manifestações, expressões culturais, na escala de um bairro e pela iniciativa da escola, face as relações de apropriação de seus moradores que se configuram, por vezes, numa comunidade dentro do ambiente urbano. Sob esse aspecto, Mayol (1996) enfatiza que é no bairro que o morador se apropria ao transgredir a esfera particular de sua moradia. Essa característica coaduna-se à prática cultural cotidiana banal, passada despercebida à consciência dos sujeitos, que são determinantes para a construção da identidade individual e coletiva.

No bairro, os moradores possuem uma forte ligação com o local, numa relação de aproximação relacionada ao sentimento de pertencimento, numa ideia atada ao enraizamento, no qual o sujeito se produz e é produzido fazendo parte de uma comunidade. Vargas (2013) afirma que Sergipe é uma festa no sentido de que os festejos de santos padroeiros, santos dos ciclos natalino e junino, os carnavais, as vaquejadas, as cavalgadas, as feiras e os festivais movimentam Sergipe e sergipanos durante todo o ano. Nesse contexto, questiona-se como os moradores do Ponto Novo festejam. Suas festas são familiares, comunitárias, tradicionais, singulares, populares?

Assim, entende-se que o reconhecimento e valorização das festas e das manifestações poderão contribuir para a formação dos discentes, seja pelo contato e aprendizado com a investigação científica, seja pelo reconhecimento das práticas culturais e, com elas e por elas, o fortalecimento da identidade e do pertencimento ao lugar: o bairro Ponto Novo.

PERCURSO METODOLÓGICO



A pesquisa foi norteada pela abordagem quali-quantitativa em que se privilegia a observação e análise de um determinado fenômeno para a sua compreensão, no caso, as festas e manifestações ocorrentes no bairro Ponto Novo como constitutivos materiais e simbólicos da identidade e do pertencimento de seus moradores com o lugar. Didática e objetivamente, a pesquisa envolveu os discentes em seis atividades encadeantes iniciadas pela leitura de textos norteadores. Nesse momento, os textos foram contextualizados com o universo de vivência pela exposição dos conceitos (e seus sentidos) fundantes que circundam a identidade e o pertencimento ao território habitado: herança, tradição, inovação, saber fazer, histórias, sentimentos, dentre outros.

Com esses referentes, foram construídos os instrumentos de coleta de dados, primeiramente houve a realização de uma oficina junto aos pesquisadores juniores, com intuito de, a partir do conhecimento e vivência deles no bairro, apontar e discutir as vantagens e desvantagens, os cuidados com a abordagem, os aspectos éticos que devem ser observados pelo pesquisador.

A oficina “Conhecimento e reconhecimento do meu lugar – o bairro Ponto Novo” enquanto ferramenta metodológica foi definida no momento do planejamento da pesquisa cuja meta pedagógica aplica-se ao processo de formação dos estudantes pautado pelos seguintes direcionamentos: (i) Pelo pressuposto de que constitui espaço de diálogo entre os pesquisadores formadores e os pesquisadores em formação; (ii) Pela possibilidade de expressão das subjetividades dos participantes em que pese a temática de festas e manifestações culturais; (iii) Pelo entendimento de que possibilitará reflexões sobre o nível de conhecimento e reconhecimento dos bolsistas com relação às festas e manifestações culturais do bairro; (iv) Por constituir “ferramenta de informação da geografia dos lugares; de compreensão das socioespacialidades, capaz de proporcionar o entendimento das relações das comunidades” (VARGAS; LIMA, 2019, p.132); (v) por considerar “[...] nossa responsabilidade ético-política como pesquisadores e, [...] deixar fluir a diversidade de repertórios [que] nos possibilita entender os interstícios dos processos de produção dos sentidos [...]” (SPINK *et al.* 2014, p.41, inserção nossa).

Isso posto, alinhamos com Kozel (2018) solicitando aos bolsistas que produzissem mapas mentais que considerassem suas representações do mundo vivido e, com Vargas (2017), no encadeamento de uma cartografia social em que pese a motivação para exposição do conhecimento e do reconhecimento dos sujeitos, no nosso caso, os estudantes bolsistas do PIBICjr.



Após a oficina, foi possível elaborar com a participação dos bolsistas os instrumentos de coleta que completam o percurso metodológico quais sejam: (i) roteiro de observação; (ii) roteiro de entrevista; (iii) levantamento documental; (iv) levantamento fotográfico.

O projeto teve início em fevereiro de 2020, tendo sido realizado com a leitura dos textos, a oficina - que ocorreu na sala de pesquisa do Grupo Sociedade e Cultura, na UFS e, parcialmente, foram realizados levantamentos de documentos e entrevistas. Com a suspensão das aulas em 17/03/2020 o coordenador do projeto promoveu contatos online com os bolsistas e com a equipe do UFS. Com os bolsistas apresentou e discutiu as dez entrevistas realizadas e os documentos levantados, com destaque para o mapa do bairro pelo qual pode-se dimensioná-lo e identificar seus limites. Com os pesquisadores do grupo Sociedade e Cultura, relatou as dificuldades de comunicação com os bolsistas, sublinhando seus comentários, apresentou os resultados alcançados com os quais definiu-se pela realização de análise descritiva do material coletado. Após os primeiros esboços realizados pelos pesquisadores da UFS ocorreu a devolutiva aos bolsistas e, após comentários, possibilitaram as análises apresentadas neste artigo.

REDESCOBRINDO O BAIRRO PELAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS

O bairro Ponto Nosso situa-se na porção Centro/Oeste do município de Aracaju e sua origem deu-se em decorrência da linha férrea, construída em 1913 – Viação Férrea Federal Leste Brasileira, que adentrava a cidade até o porto, situado no centro e as margens do rio Sergipe. Supõe-se que com a existência de sítios e primeiras ocupações do extremo Oeste foi estabelecido um ponto de parada próximo à estas primeiras ocupações, denominado Ponto Novo. As informações apresentadas compilam depoimentos colhidos, busca em sites e mapa do bairro (PREFEITURA MUNICIPAL, 2020).

A linha férrea, delimitadora do bairro na porção Sul, beneficiou a exportação e importação de gêneros comerciais em geral, mas por outro lado, constituiu barreira no sítio urbano de Aracaju sendo as áreas para além pouco valorizadas e habitadas por população de baixa renda. Até a década de 1960 afora o ponto de parada do trem, o lugar era conhecido, em ambas as margens da linha férrea como Baixa Fria, com predominância de baixios e terrenos alagados.

O bairro Ponto Novo inicia a conformação atual após a década de 1960 quando recebeu como limites a Noroeste as instalações do escritório da Petrobras, de processamento de dados



do Banco do Brasil (atualmente sede da Prefeitura Municipal), bem como a base operacional da atual Empresa Municipal de Obras e Urbanização – Emurb. À Norte, as ruas Professor José Olinio e Poeta José Sampaio e ao Sul, a linha férrea em cujas suas margens foi erigida a Avenida Rio de Janeiro onde os sítios foram cedendo aos grandes estabelecimentos com comércio de materiais de construção e super mercado. Os limites à Oeste foram delimitados com a construção, na década de 1970, de uma perimetral que constituiria o ‘novo’ limite urbano da capital sergipana, a Avenida Tancredo Neves. Desta avenida até o início da rua Professor José Olinio na conjunção com a linha férrea foi construída a Avenida São João Batista, com traçado diagonal na área e constituindo a principal artéria do bairro.

Concomitante à construção da perimetral e ao acelerado processo de urbanização o bairro consolida-se com a construção de grandes conjuntos habitacionais com destaque para o Castelo Branco e o Sesquicentenário entre as décadas de 1960/70. Decorre dessa ocupação a instalação do Colégio Leandro Maciel em 1981, constituindo um marco para o bairro além do cemitério São João Batista, gestado pela prefeitura e que ocupa uma grande área.

O Colégio Leandro Maciel situa-se entre as ruas do Acre e avenida São João Batista, oferecendo, desde o início, todas as séries do ensino básico. O Colégio passou a ofertar, em 2018, o Ensino Médio Integral aumentando a carga horária de cinco horas-aulas diárias para nove horas-aulas. Essa modificação ampliou o leque de disciplinas, principalmente na diversificação do currículo, na qual os discentes vislumbram a concretização dos seus projetos de vida. Essa mudança proporcionou novas oportunidades e uma delas é o tempo maior disponível para realizar pesquisas científicas facilitando o contato dos alunos com a experiência de pesquisa.

Assim, foi criada a disciplina eletiva “Minha Terra é Sergipe”, cujas vivências com os alunos motivaram a participação no mencionado Edital e a orientação de três bolsistas em um projeto de pesquisa. Por se tratar de projeto de pesquisa sobre manifestações culturais a análise dos mapas mentais e entrevistas privilegiaram a construção de quadros interpretativos que traduzem, por um lado, a dinâmica da cultura do bairro e, por outro, uma cartografia social fruto da percepção e vivência dos bolsistas e entrevistados, como pode ser observado no Quadro 1.

De pronto observa-se que os referentes materiais são bem mais numerosos, considerando que os depoimentos e os mapas mentais apresentam riqueza de detalhes com a citação e implantação de ruas e quadras, com a situação de pontos comerciais e de suas casas. Em alguns é nítida a distinção entre o padrão de ocupação entre as ruas com predomínio de casas e os grandes equipamentos, como os citados conjuntos habitacionais. O Colégio Leandro



Maciel aparece em todos os mapas mentais, o que se justifica pela condução da pesquisa como atividade didática e, em consequência, por sua importância na formação dos bolsistas. Nesse sentido destaca-se o reconhecimento do Colégio no depoimento dos entrevistados.

Referentes	Expressão	Material	Imaterial	Da memória
Conj. Castelo Branco				
Colégio Leandro Maciel				
Rua São João Batista				
Paróquia Nossa Senhora de Fátima				
Igreja Adventista Sião				
Caixa D'água				
Petrobrás				
Prefeitura Municipal				
Cemitério São João Batista				
Festa da padroeira Nossa Senhora de Fátima				
Quadrilha junina Assum Preto				
Bailinho Brega/Funk				
Procissão de Santa Rita				
Procissão de São José				
Carnaval de rua				
Arraial de rua				
Baixa Fria				
Parada do trem				

Quadro 1. Conhecimento e reconhecimento dos referentes do bairro Ponto Novo

Fonte: Projeto de Pesquisa “Manifestações culturais e festas de bairro: pertencimento e identidades no bairro Ponto Novo em Aracaju – Sergipe”. 2020.

As festas, todavia, são referenciadas como conhecimento pessoal, pela subjetividade dos envolvidos e, como reconhecimento da comunidade pela apropriação coletiva dos moradores. Unânime, a festa da padroeira Nossa Senhora de Fátima que ocorre no mês de maio, traduz celebrações e solenidades religiosas ao tempo em que é descrita com alegria, júbilo e regozijo. Assim identifica-se o festar religioso do bairro como referente significativo de suas manifestações culturais, com apontamentos sobre a participação, as responsabilidades dos



organizadores das atividades religiosas e pagãs – denominados de ‘festeiros’ e, descrição da festa: duração de nove dias, ocupação da praça, comemorações litúrgicas e shows, predominantemente de conjuntos gospel.

Há a ocorrência da quadrilha junina Assum Preto, fundada em 14 de julho de 1990, com o intuito de manter a tradição nordestina e homenageando Luiz Gonzaga, que escreveu a música que dá nome ao grupo. Durante esses trinta anos de existência, o senhor Genicleudo esteve à frente da organização, na marcação dos passos, nas apresentações realizadas, e principalmente no esforço para manter o grupo em funcionamento, com a realização de excursões para arrecadar fundos. Desde sua criação a quadrilha recebeu o apoio do Colégio Estadual Leandro Maciel que cede o espaço para a realização dos ensaios, fato que contribuiu para os títulos conquistados, sendo os mais importantes, o de primeira campeã brasileira e melhor marcador de quadrilha no I Concurso Brasileiro de Quadrilhas Juninas, realizado em Brasília em 2005.

Nas entrevistas, é notória a importância das quadrilhas, com destaque para a Assum Preto, considerada a imagem do bairro Ponto Novo, e assim, demarcando a importância dessa manifestação e dos festejos juninos para aracajuanos e sergipanos. Justifica-se, então, os arraiais de rua que até a década de 1990 marcavam a paisagem do bairro com as ornamentações, compartilhamento de comidas, fogueiras, fogos e trios pé de serra animando a todos, resultando na criação do Grupo Recreativo Assum Preto. Os encontros e festejos ocorriam nas ruas e nas áreas comunitárias dos conjuntos.

Com relação aos referentes imateriais da memória, acrescenta-se os carnavais de rua que como os arraiais deixaram de ocorrer devido as mudanças comportamentais e de hábitos da sociedade contemporânea. Sublinha-se o entendimento de Barreto (2005, p.22-23), sergipano que nos ensina sobre o valor de nossa cultura:

A vida cultural também é memorial, na medida em que, desde os primeiros passos, quando o simples nome da pessoa passa a ser uma referência de reconhecimento, em meio das demais características que vão mudando com o tempo [...] A quadra de festas juninas é própria para se falar em cultura e em memória, porque as comunidades assumem papéis lúdicos, tradicionais, folclóricos, de grande significação histórica para a humanidade.

Pelo o que se levantou até o momento, as festas são manifestações culturais com preparações, ornamentações, danças, músicas, preparação de alimentos, confecções que em suas mais diversas formas, sejam familiares, comunitárias, expressas por grupos ou indivíduos que constroem referentes e patrimônios. As identidades são assim permanentemente



construídas e vividas no dia a dia. Consideramos nessa construção a valorização do lugar pela demonstração de sentimento de pertencimento e com esse sentimento, o reconhecimento da identidade com o lugar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O material apresentado traz dados parciais produzidos pelo projeto que traduzem a consistência dos passos metodológicos planejados, reconhecendo o comprometimento dos bolsistas e pesquisadores envolvidos.

No que tange a produção do conhecimento, os dados levantados sobre as manifestações culturais do bairro ainda exigem aprofundamentos no que diz respeito ao pleno alcance dos objetivos em caracterizá-las pelo tempo de ocorrência, origem e evolução e, avaliar o envolvimento dos estudantes e dos moradores com suas festas e manifestações.

Todavia, no que se refere à meta pedagógica o projeto já confere êxitos, pela absorção das etapas de pesquisa, pelo envolvimento dos bolsistas nas atividades programadas e, sobretudo, pela superação das dificuldades no momento de análise com o enfrentamento de problemas como o acesso à internet e plataformas de comunicação.

Pelo exposto, o que se sobressai é a possibilidade frutífera de mediação entre a pesquisa acadêmica, por meio da iniciação científica e o espaço da escola, a interação entre a ciência e o campo empírico, que se traduz nas leituras sobre o cotidiano do bairro, e sobre a cultura, mas sobretudo na possibilidade de construção de um conhecimento mais plural. O sentido de mediação aqui se expressa como um conteúdo filosófico, ou seja, a relação entre teoria e realidade, a pesquisa acadêmica, conceitual e a realidade dos alunos.

REFERÊNCIAS

ARACAJU. PREFEITURA MUNICIPAL. Mapa do Município de Aracaju. Aracaju: Empresa Municipal de Obras e Urbanização, 2020.

BARRETO, Luiz Antônio. **Folclore – invenção e comunicação**. Aracaju: Typografia Editorial, 2005.

BONNEMAISON, Joël. Viagem em torno do território. *In*: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Geografia cultural: um século (3)**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002. p. 83-132.



DOURADO, Auceia Matos; VARGAS, Maria Augusta Mundim; SANTOS, Rodrigo Herles dos. **Patrimônio e Identidade: nossas referências**. Aracaju: Edise, 2015.

GURAN, Milton. Considerações sobre a constituição e a utilização de um corpus fotográfico na pesquisa antropológica. **Discursos fotográficos**, Londrina, v.7, n.10, p.77-106, jan./jun. 2011. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/download/9215/7841>. Acesso em: 28 set. 2019.

HAESBAERT, Rogério. Identidades territoriais. In: ROSENDHAL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999, p. 169-190.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

KOZEL, Salette. **Mapas mentais: dialogismo e representações**. Curitiba: Appis Editora, 2018.

MAYOL, P. Morar. In: CERTEAU, M; GIARD, L; MAYOL, P. **A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar**. Tradução Ephraim F. Alves e Lucia E. Orth. Petrópolis: Vozes, 1996.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Tradução Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

SPINK, Mary Jane; MENEGON, Vera Mincoff; MEDRADO, Benedito. Oficinas como estratégia de pesquisa: articulações teórico-metodológicas e aplicações ético-políticas. **Revista Psicologia & Sociedade**, n. 26, v. 1, p. 32-43, 2014.

TUAN, Yi-fu. **Topofilia - Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980. 288p.

VARGAS, Maria Augusta Mundim. Os tempos plurais das festas em Sergipe. **Cumbuca**, Aracaju, p. 14 - 21, 01 jul. 2013.

VARGAS, Maria Augusta Mundim. Festas patrimônio: os ciclos junino e natalino de Sergipe. **Ateliê Geográfico** (UFG), v. 8, p. 252-273, 2014.

VARGAS, Maria Augusta Mundim. Desvelando heranças, tradições e práticas de jovens de Japarutuba/SE-Brasil. **Revista Cerrados**, Unimontes, v. 15, p. 03-29, 2017.

VARGAS, Maria Augusta Mundim; LIMA, Rodrigo Santos. O sentido das águas do rio Sergipe. In: AGUIAR NETTO, Antenor de Oliveira; SANTANA, Neuma Rubia Figueiredo; COSTA, Patricia Rosalba Salvador Moura. **Laranjeiras e rio Sergipe: uma viagem no presente**. Aracaju: Criação Editora, p. 117-136, 2019.